DISSERTAÇÃO

SOBRE

A FALLIBILIDADE

DOS SIGNAES DA MORTE.

FACULDADE DE MEDICINA

DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O Sr. Dr. MANOEL DE VALLADÃO PIMENTEL.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs. Doutores:

1.° Anno.

F. F. ALLEMÃO, *Examinador*	Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.
F. DE P. CANDIDO	Physica Medica.

2.° Anno.

J. V. TORRES HOMEM, *Examinador*	Chymica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA, *Examinador*	Anatomia geral e descriptiva.

3.° Anno.

D. R. DOS G. PEIXOTO	Physiologia.
J. M. NUNES GARCIA	Anatomia geral e descriptiva.

4.° Anno.

J. J. DE CARVALHO	Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.
J. J. DA SILVA	Pathologia interna.
L. F. FERREIRA	Pathologia externa.

5.° Anno.

C. B. MONTEIRO	Operações, Anatomia topographica e Aparelhos.
F. J. XAVIER	Partos, Molestias de mulheres pejadas e paridas, e de meninos recem-nascidos.

6.° Anno.

J. M. DA C. JOBIM, *Presidente*	Medicina Legal.
T. G. DOS SANTOS	Hygiene e Historia de Medicina.

M. DE V. PIMENTEL	Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.
M. F. P. DE CARVALHO	Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. T. D'AQUINO A. F. MARTINS	Secção das Sciencias accessorias.
J. B. DA ROSA L. DE A. P. DA CUNHA	Secção Medica.
D. M. DE A. AMERICANO L. DA C. FEIJO', *Examinador*	Secção Cirurgica.

SECRETARIO.

Dr. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

N. B. Em virtude de huma Resolução sua, a Faculdade não approva, nem reprova as opiniões emittidas nas theses, as quaes devem ser consideradas como proprias de seus autores.

A MEU EXTREMOSO PAE,

Á MINHA CARINHOSA MÃE.

A vida, o que sou, e o que poderei ser, tudo vos devo. Á vista de tão avultada divida, á vista dos tantos sacrificios e privações que haveis soffrido, somente para me adquirir um titulo honroso; á vista emfim do vosso grande amor, o que vale a acanhada offerta d'este mingoado trabalho? Certamente, nada. A despeito porém da enormidade dos vossos sacrificios e do acanhamento da minha offerta, eu vos imploro que benignos a aceiteis, como uma limitada prova de amor e respeito que vos consagra o

VOSSO FILHO.

AO MEU BOM AMIGO

O Ill.mo Sr. Joaquim José Barrão,

CIRURGIÃO DA CAMARA IMPERIAL, E CIRURGIÃO MÓR DO EXERCITO.

Se vejo terminados os meus trabalhos escolasticos, se me acho collocado na estrada da honra e da gloria, a vós em grande parte o devo. Sim, Sr., fostes vós que com benignidade extrema coadjuvastes meus bons Paes no complemento da obra por elles encetada. Permitti pois que publicamente hoje vos renda meus sinceros agradecimentos por tão altos favores, e vos proteste que jamais vereis desmentidas em mim as palavras do eloquente Cicero — *Etenim cum omnibus me affectum esse cupiam, tamen nihil est, quod malim; quam me et gratum esse, et videri.*

T. V. de Freitas.

Á TODA A MINHA PRESADA FAMILIA,

E EM PARTICULAR

A meu Irmão Christovão Vieira de Freitas.

Pequeno signal de uma cordial e sincera amizade.

A MEU AMIGO

O Ill.mo Sr. Manoel Clemente Pinto.

Um doce dever, a gratidão, me ordena que offenda aqui a vossa modestia, soltando uma voz agradecida ás bondades com que me haveis obsequiado, e á estreita amizade com que me haveis honrado.

A MEUS PARTICULARES AMIGOS

OS ILL.mos Srs.

Dr. Jeronimo Severiano Barrão,

Joaquim Lopes da Silva Vianna Couto.

Sincera lembrança de amizade e affeição.

T. V. de Freitas.

INTRODUCÇÃO.

Se houvessemos pretendido seguir á risca o preceito de Horacio —

> Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
> Viribus, et versate diù quid ferre recusent,
> Quid valeant humeri. . . . . .

— nunca nos constituiriamos autor, pois seria mister que um subido quilate de amor proprio deslumbrasse nossa consciencia para ousarmos aspirar a tão honroso titulo: como porém para obter o distincto grau de Doutor em Medicina, mira a que se hão infiado todas as nossas vistas, torna-se forçoso que se faça uma dissertação sobre qualquer dos pontos das vastas Sciencias Medicas, resolvemos, a pezar da escacez dos nossos conhecimentos e do acanhamento do nosso espirito, mostrar a *falibilidade dos signaes da morte*. Em a nossa dissertação adoptámos o plano seguinte: dividimol-a em quatro partes: na primeira apresentámos alguns factos de morte apparente, e depois de algumas considerações a respeito dos enterramentos precipitados, démos uma succincta descripção das principaes casas de mortualha da Allemanha; na segunda analysámos os mais importantes signaes da morte, e lhes marcámos seu respectivo valor; na terceira fizemos um summario das molestias que podem simular a morte; na quarta e ultima apontámos os meios que a arte possue para descriminar a morte apparente da

real. Não foi a vaidade de podermos desenvolver bem materia de tanta magnitude quem nos levou a lançar mão d'este ponto; mas sim a reflexão de que teriamos por este meio mais uma occasião de fixar nossas idéas, e de receber as concentaneas dilucidações dos nossos illustrados Juizes. E permitta-se-nos que desde já tributemos ao Ill.mo Sr. Doutor Jobim nossos cordiaes agradecimentos, pelos não pequenos esclarecimentos que nos forneceo. Além d'isto, concebemos a presumpção, talvez vã, de que este pequeno trabalho sirva de incentivo para desafiar pennas mais bem aparadas, movendo-as a dar a ésta materia todo o desenvolvimento de que é susceptivel. Se porém isto não basta para sermos desculpado das faltas que de necessidade havemos de ter commettido, respeitosamente lembramos os seguintes versos:

Da veniam scriptis, quorum non gloria nobis
Causa, sed utilitas, officiumque fuit.

DISSERTAÇÃO

SOBRE

A FALLIBILIDADE DOS SIGNAES DA MORTE.

PRIMEIRA PARTE.

Mors certa; mors incerta. Moriendum esse certum omninò; mortuum esse incertum aliquandò.
WINSLOW.

Tudo se altera e renova na natureza, tudo em redor de nós muda continuamente de aspecto, tudo nasce, cresce e definha. Todos os seres organicos soffrem o rigor d'esta lei universal, inclusivamente o homem, a quem coube em legado uma subida intelligencia, a quem tudo se humilha e curva, e que todavia não póde subtrahir-se a supportál-o. O homem, que pela perfeição de sua organisação devêra ver deslisarem-se seculos, é precisamente o que menos vive; a cada passo experimenta influencias funestas que sobremaneira lhe deteriorão essa perfeita organisação; suas forças vitaes soffrem proporcionalmente quebra até que fallecem de todo: seus elementos então ficão subordinados ao imperio das leis physicas e chimicas.

Fallamos da morte, d'essa meta luctuosa em que vão findar-se todas as nossas esperanças, d'esse terrivel tributo a que estamos sujeitos, d'essa divida que, segundo Bacon, pagão todos á natureza, ou sumptuosas purpuras lhes cubrão as carnes, ou miseros andrajos:

Défendez-vous par la grandeur;
Alléguez la beauté, la vertu, la jeunesse,
La mort ravit tout sans pudeur (1).

A morte estampa sem dúvida alguma o painel o mais sombrio e pavoroso, que se póde imaginar, tanto para suas victimas, como para aquelles a quem

(1) La Fontaine, Liv. 8.°, Fab. 1.ª

rouba um bom pae, um bom esposo, um bom amigo. Em vão Philosophos stoicos tem affectado despresál-a, em vão por desabusados alguns homens tem pretendido encarál-a com fronte serena; todos no fatal momento sentem o horror que ella inspira.

Os irracionaes so o experimentão em sua hora derradeira; o homem porém, conscio de sua fraqueza e dotado da faculdade de prolongar suas vistas até o futuro, muito ante-mão a teme; em cada anno que volve, em cada dia que se escôa, vê tornar-se mais proximo e mais profundo seu tumulo:

> Est metus ille foras præceps Acherontis agendus
> Funditùs, humanam qui vitam turbat ab imo
> Omnia suffundens mortis nigrore, neque ullam
> Esse voluptatem liquidam, puramque relinquit (1).

E a morte, talvez para nos revelar toda a nossa nullidade e todo o seu predominio, aguarda, não poucas vezes, os momentos em que nossos corações se achão dilatados pelos mais puros prazeres para com passos sorrateiros apparecer-nos! *Imminet et tacito clàm venit illa pede* (2).

Se em todos os casos, diz Monfalcon, a morte apresenta um quadro aterrador, este se cobre de côres ainda mais negras, quando os immolados ao seu poderio são arremessados ao tumulo sem ainda ter perdido todos os seus direitos á vida. Supponha-se qualquer de nós na situação de um d'esses desgraçados amortalhados em vida, e que despertão-se na horrida morada da morte! Nossos gemidos não ferirão os ouvidos d'aquelles que la nos tiverem lançado; em balde chamaremos todas as nossas forças para romper as funereas vestes que nos adornarem; em balde tentaremos arrojar para longe a porção de terra que pezar sobre nosso jazigo; todas as nossas tentativas serão improficuas: desengrados e amortecidos experimentaremos todos os horrores possiveis até que a morte venha pôr termo a tão afflictivo estado, ja que nossos braços de maneira alguma podêrão arrancar-nos de tão triste, quanto lamentavel situação!!

Parece que Monfalcon foi algum tanto exagerado. Custa a crer que individuos cobertos de muitos pés de terra tenhão recuperado o sentimento, e succumbido depois á afflicção e ao desespero, excepto se a pequena quantidade de ar contido no jazigo fôr sufficiente para reanimar a vida, e conservál-a por alguns minutos; o que em verdade será difficil. Não padece porém a menor dúvida, que hão sido enterrados infelizes que talvez, por um esforço da natureza, ou pela perseverança no emprego dos meios que a arte nos ministra,

(1) Lucr., de Rer. Nat.

(2) Tibul., Eleg. 11.ª, Lib. 1.º

podessem ser chamados á vida, e que outros menos desgraçados quasi prestes a ser separados dos vivos devêrão a vida a eventualidades.

Ninguem se persuada de que estas idéas sejão meramente filhas da imaginação; os factos bem alto fallão; passaremos pois a reproduzir alguns dos muitos de que se achão inçados quasi todos os autores.

O Jornal de Paris (setembro 1829) contém o seguinte: Anna Nouschwander, residente em Berne, achando-se muito doente, mandou chamar um medico, mas tão tarde que este á sua chegada a deo por morta. Ja a tinhão depositado no carneiro e começavão a lançar-lhe terra, quando se ouvio um profundo e magoado suspiro, que um pouco mais tarde de nada lhe valêra e teria feito com que á morte apparente succedesse a real (1).

O cavalheiro Benati, quando estudante, estando com muitos de seus condiscipulos a dissecar hum cadaver no hospital de Mantua, havia sido por vezes interrompido em seu trabalho por fortes pancadas, que partião do depósito dos mortos; como éstas se repetissem mais a miudo, resolveo abrir a porta, e tanto elle como seus companheiros não ficárão pouco surprendidos de ver hum resuscitado, que se esforçava por sahir d'este asylo da morte.

Um Inglez, prisioneiro de guerra, foi conduzido para o hospital de Rochefort, e d'ahi transportado como morto para a sala que servia de depósito. Passadas algumas horas, um estudante por nome Moine, querendo aperfeiçoar-se na phlebotomia, sangra o defunto na jugular, o sangue corre com abundancia, o soldado torna a si e arremessa-se furioso sobre Moine, apertando-o tão fortemente entre seus braços, que este por mais que forcejasse não poude desembaraçar-se d'aquelle, cahindo por fim em terra sem sentidos. O prisioneiro, desfallecido pela grande quantidade de sangue que havia perdido, teria certamente succumbido, se não lhe administrassem com presteza todos os soccorros necessarios. O estudante confessou depois que um terror mortal se apossára d'elle, durante a luta que travára com o resuscitado.

Devaux, cirurgião residente em Paris, teve uma creada chamada Isabel, que tres vezes havia sido amortalhada. Isto foi origem de receios tão justos, que passados alguns annos, havendo realmente fallecido, a conservárão em depósito por seis dias. Outro tanto soffreo Francisco Civille, que assignava-se

(1) Da mais remota antiguidade, exemplos semelhantes tem havido, que todos altamente denuncião a fallibilidade dos signaes da morte; para prova basta lembrar que ja no tempo de Plinio erão tão numerosos, que este em sua Historia Natural lhes consagrou um capitulo: *de his qui elati vixerunt*. Bruhier em sua obra publicada em 1710 refere setecentos e oitenta factos. Se bem que muitos não devão ser admittidos sem extrema reserva, não é menos veridico, que victimas tem havido e infelizmente continuarão a haver de enterramentos precipitados.

tres vezes morto, tres vezes amortalhado e tres vezes por graça de Deos resuscitado.

André Vesalo, que teve a honra de ser successivamente primeiro Medico do Imperador Carlos V e de Philippe II, seu filho, convencido de que um nobre hespanhol, a quem tratára, se achava morto, rogou licença para abrir seu cadaver. O primeiro golpe de escalpello lhe fez reconhecer seu erro. Os parentes do defunto o perseguirão como assassino, e a Inquisição formou-lhe um processo como a impio. A muitos rogos de Philippe se lhe commutou a pena em ir peregrinar pela Terra Santa. Este exemplo incutio tão grande medo no coração do Rei de Hespanha, que recommendou que, quando perecesse, não o embalsamassem, mas somente o embrulhassem em um lençol.

No anno de 1832, pouco mais ou menos, appareceo na porta da Igreja da Mizericordia da Bahia uma escrava que seu senhor ahi mandára depositar, para poupar assim o trabalho e despezas do enterro. Sendo conduzida com outros cadaveres para o cemiterio commum e estando quasi a ser lançada na cova, os coveiros lhe percebêrão signaes de vida e a conduzirão para o hospital. A força de muitos cuidados recuperou a saude, e é hoje uma das melhores serventes do mesmo Hospital. De então para ca ficou sendo conhecida pelo apellido de Maria a Morta.

Factos analogos tem sido vistos, no hospital da Mizericordia d'esta Côrte, pelos Srs. Drs. Jobim, Paula Candido, e De-Simoni.

Bem poderámos engrossar nossa These com maior número de acontecimentos semelhantes, de que temos cópia, estamos porém persuadido de que estes são sufficientes para mostrar quanto em alguns individuos custa a apagar-se a chamma da vida, e quão facil é confundir-se a simples suspensão das funcções, que a caracterisão, com sua aniquilação completa. A multiplicidade dos factos deve justificar as precauções das pessoas prudentes, destruir todos os pretextos de incredulidade, e deixar traços profundos e indeleveis na imaginação d'aquelles que pouco apreço dão aos factos, e que sempre os encarão superficialmente.

Ora, se entre os Romanos forão queimados homens vivos, como aconteceo aos desgraçados Acilius Aviola e Lucius Lamia, sendo praxe o conservarem-se os cadaveres por sete dias, durante os quaes se fazião repetidas tentativas para adquirir-se a certeza da presença da morte; se o mesmo succedeo entre os Gregos cujos costumes erão identicos; se em Lisboa e outras muitas cidades da Europa se tem levado á sepultura infelizes que ainda gozavão da benefica influencia da vida; se isto não se tem podido evitar em Strasburgo, paiz em que quatro Medicos são chamados para proceder a exame, ficando a seu encargo determinar o dia e hora dos enterramentos; se finalmente factos semelhantes tem apparecido em Paris, que tanto se ha celebrizado por sua civilisação e *policia*

medica', e cujas instituições marcão que os cadaveres sejão enterrados, pelo menos, vinte e quatro horas depois da verificação da morte; o que diremos do Rio de Janeiro (a quem muito bem se póde applicar o que da Hespanha dice Langle?—Se dormirdes um pouco mais, correreis risco de ser enterrado vivo.) onde apenas o individuo parece exhalar o último suspiro, é immediatamente dado á sepultura sem a mais ligeira e leve averiguação! onde todos tratão de desembaraçar-se d'elles, como se fossem pesados fardos que lhes tolhessem a respiração! onde ainda não se tem fixado o tempo que deve decorrer entre a morte e o enterramento (1)! onde se acceitão certidões de obito passadas por pessoas incompetentes, e onde emfim éstas se dão sem o menor escrupulo, e ordinariamente sem se verem os cadaveres! Realisando-se d'est'arte o paradoxo de um celebre Philosopho—*ce n'est pas de la civilité qu'un médecin visite un mort*; principio que de maneira alguma compartimos, e que tem tanto de ridiculo, quanto de funesto. Com effeito, se é verdade incontestavel que a morte póde ser simulada por muitas affecções, quão digna se torna de censura a conducta do Medico que, mal é noticiado do fallecimento de seus doentes, dá tudo por findo como se todos os seus deveres houvessem sido desempenhados?! Portanto, se ainda algum ha, que menos zeloso de sua reputação assim pratique, deve abandonar procedimento tão reprehensivel; pois que lhe cumpre fazer indagações minuciosas, ensaiar repetidas experiencias, em poucas palavras, esgotar todos os recursos que estiverem em sua alçada para reconhecer a realidade da morte. Nem sempre este conhecimento será adquirido facilmente; algumas vezes o Medico se verá embaraçado, e casos poderão haver que illudão completamente a sagacidade do prático o mais consciencioso; estamos porém conven-

(1) O nosso Codigo de Posturas da Camara Municipal diz: «Nenhum corpo será dado á sepultura sem prévia participação ao Juiz de Paz da Freguezia, declarando-se o lugar em que vai fazer-se o enterro, apresentando-se certidão do Facultativo que o houver assistido, na qual este declare a enfermidade de que morreo, e a sua duração, assim como a hora da morte e a morada do fallecido: no caso porém de não ter havido assistente, ou de ter a morte sido repentina, o respectivo Juiz de Paz nomeará um Facultativo para examinar o dito corpo, e quando haja suspeita de propinação de veneno, ou de ter sido morto por qualquer outro modo violento, não será enterrado sem se proceder á autopsia, e exames necessarios para reconhecer a existencia ou não existencia do delicto; em todos estes casos o Facultativo declarará o tempo, dentro do qual deve ser sepultado, assim como o tempo antes do qual o não deva ser. Os infractores pagarão 10,000 rs. a 20,000 rs. de condemnação, e, não tendo com que pagar, soffrerão quatro a oito dias de prisão.»

Esta é a unica disposição que nos consta haver a respeito dos enterramentos; bem se vê quão grandes são suas lacunas, e quanto deixa a desejar; mas ainda assim façamos votos para que seja preenchida.

cido, de que a mór parte das victimas dos enterramentos precipitados ha sido devida á negligencia e incuria.

Quem, ponderando as poucas considerações que havemos feito, e attendendo ao abandono em que jaz nossa policia medica, deixará de nutrir fundados receios por si mesmo, por seus parentes e amigos? Anhelamos pois que entre nós se siga a legislação franceza (1), isto é, que se marque o tempo, passado o qual, os cadaveres devão receber sepultura; que se indiquem as circumstancias em que os enterramentos tenhão de ser procrastinados ou anticipados; que em cada Freguezia haja certo numero de Medicos, nomeados pelas Autoridades, encarregados da verificação das mortes; que finalmente casas de mortualha, á imitação das da Allemanha, sejão construidas; unicos meios, senão de evitar, ao menos de tornar mais raros os abusos; unicos meios de abafar para o futuro os gemidos que, partindo dos tumulos, acremente nos accusão do nosso deleixamento e desaso.

Visto havermos lembrado as casas de mortualha da Allemanha, é justo que d'ellas façamos um bosquejo. Muito antes de 1791, ja o veneravel Hufeland's se havia elevado contra o desprezo com que erão tratados os mortos; mas foi so n'essa época que ás suas sollicitações e ao seu merito deveo Weimar a primeira casa de mortualha. Ésta se acha collocada sobre um cemiterio; á entrada do edificio depara-se com a seguinte legenda: *vitæ dubiæ asylum*. Ha no interior uma grande sala cujo ar é constantemente renovado por consideravel número de tubos; ao lado d'esta acha-se o quarto do guarda que tem a todo o momento os mortos debaixo de suas vistas, pois a sala existe unicamente separada do quarto por uma porta envidraçada; ha demais uma cosinha, banhos, &c. Dá-se aos guardas a instrucção completa dos symptomas da asphyxia para que possão apreciar o mais leve traço de vida, que por ventura se manifeste nas pessoas depositadas; e para mais attenção e cuidado da parte dos guardas, premios são marcados ao primeiro que descobre signaes de vida em qualquer d'esses individuos. Providencias hão sido tomadas para que seja percebido immediatamente o menor movimento que possa fazer um asphyxiado: assim as partes da locomoção, como mãos e pés, communicão-se com certos fios, cujo menor movimento é logo annunciado por um grande ruido. Os corpos são transportados ordinariamente doze horas depois da morte; deitão-se sobre leitos de palha, e cobrem-se com colchas de panno; collocão-se dedaes nos dedos de maneira que correspondão entre si com os fios, de que ja fallámos: estes reunindo-se em um so, acima da mão, vão ter a um despertador, e por

(1) Consulte-se Julia Fontenelle; ahi vem transcriptos com muita exacção, e acompanhados de alguns commentos todos os artigos do codigo civil e penal á cerca dos enterramentos.

tal modo que o menor movimento com um dedo produz uma bulha extraordinaria. Os mortos estão separados uns dos outros por meio de biombos. Ha um Medico que, applicado especialmente a estas casas, é incumbido de revistar os cadaveres, e quando reconhece signaes evidentes de putrefação, attesta-o por escripto no livro para isso unicamente destinado; e então, e somente então se póde permittir o enterramento. Sendo pelo contrário percebido algum signal de vida, o depositado é immediatamente conduzido a uma outra sala, onde se põe em prática todos os meios susceptiveis de reanimar qualquer centelha de vida; para o que se conserva sempre em bom estado um apparelho todo proprio.

Depois do novo cemiterio de Weimar construio-se, em 1824, uma nova casa de mortualha, mais perfeita que a antiga. Muito concorreo para a fundação d'este estabelecimento Schwabe, burgomestre d'esta cidade; com um zelo incançavel elle observa a maior vigilancia na restricta execução de todas as suas instrucções. Não é para depósito de mortualha somente de pobres que este estabelecimento foi creado; uma sociedade composta das pessoas mais gradas da cidade foi instituida sob a direcção de Hufeland's, e seus membros concordárão entre si que qualquer d'elles, que por ventura viesse a soffrer o duro córte, deveria ser levado á casa de mortualha. Dando este optimo exemplo, destruirão de todo os velhos prejuizos que contra tão pias casas ainda guardava a mór parte da gente. Então o povo, vendo concorrer a semelhante edificio as primeiras familias da cidade, seguio de chofre seu exemplo; e hoje acha-se geralmente adoptado.

Deve-se igualmente a Hufeland's a fundação d'uma casa de mortualha em Berlim, construida em 1797 pela Sociedade dos Amigos. Este hospicio, que muito se distingue por sua bella construcção, tem duas salas, uma para homens e outra para mulheres.

Por proposta de Ackermann, professor de Anatomia, se fez em Mayença, em 1803, um estabelecimento analogo, cuja construcção é baseada sobre os principios dados por Hufeland's. Ha pouco tempo se lhe deo uma maior extensão, e igualmente muitos melhoramentos.

O depósito dos mortos de Munich é construido sobre um plano mais vasto, e tanto se distingue pela magnificencia de sua architectura, como pelo bom arranjamento do interior. Concluida em 1818, ésta casa offerece duas salas espaçosas, uma reservada para os ricos e outra para os pobres. De seu centro se estende para cada um dos lados uma grande columnada, de ordem corinthia; no muro em redor diversos nichos se encontrão, que devem receber os bustos d'aquelles que por suas virtudes e conhecimentos mais se tenhão distinguido.

Em 1821 projectou-se em Bamberg a construcção de uma casa de depósito;

em Wurzburgo e Augsburgo iguaes azilos existem. O mais recente foi estabelecido sobre o cemiterio em Francfort: este póde servir de modelo a todos os outros. Ao ladó do depósito está a habitação do Medico, que por uma boa recompensa tem contrahido a obrigação de nunca desamparar o cemiterio. Tem demais ésta casa a grande vantagem de serem os cadaveres depositados em cubiculos separados, onde um certo numero de ventiladores praticados no zimborio deixão desprenderem-se todas as exhalações, e ao mesmo tempo servem para renovar o ar a todo o instante. Os cubiculos são illuminados a gaz durante a noite. A luz solar penetra pelos zimborios, que são susceptiveis de abrir-se em todos os sentidos. A salla do guarda está collocada no meio, e por grandes janellas avistão-se d'esta sala todos os quartos que por ésta maneira são bem vigiados. Apparelhos estão dispostos para annunciarem por uma grande bulha o menor signal de vida; n'este intuito adoptou-se, como em Weimar, o invento dos dedaes. Ha uma outra sala, onde existem os apparelhos necessarios para soccorrer aos que se possão encontrar em estado de morte apparente.

Havemos concluido a noticia, que julgâmos conveniente dar a respeito das casas de mortualha da Allemanha. Façamos votos para que entre nós se reconheça toda a importancia d'estes estabelecimentos, e que de prompto se adoptem as instituições do venerando Hufeland's. Ésta exigencias são tanto mais recommendaveis, quanto veremos adiante que os signaes de morte são todos mais ou menos falliveis. Talvez alguem nos increpe de demasiado temeroso; mas n'estes casos antes peccar por nimiamente reservado, do que por precipitado: *Satius est adhibere milies nimiam diligentiam, quam semel omitti necessariam.*

SEGUNDA PARTE.

Hæc est conditio mortalium ; ad hasce ejusmodi occasiones Fortunæ gignimur, ut de homine ne morti quidem debeat credi.
PLINIO.

A fallibilidade dos signaes da morte é reconhecida desde muitos seculos, como o contestão não so os escriptos dos Philosophos e Medicos antigos, como as ceremonias usadas nos funeraes. Diogene Laerce refere que Empédocle muito se admirára de ver uma mulher que havia sido julgada morta. Platão recommendava que se guardassem os cadaveres por tres dias para se reconhecer a realidade da morte. Democrito descreveo uma molestia que denominou *respiração interceptada*. É igualmente digna de attenção ésta passagem de Celso : *Si certa futuræ mortis indicia sunt, quomodo deserti a medicis convalescunt, quosdamque fama prodidit in ipsis funeribus revixisse?* A pezar porém da antiguidade, e do grande número dos factos que ja existião, este objecto so despertou a attenção devida no meado do seculo passado, época em que Winslow, que tambem fôra amortalhado duas vezes, fez sustentar em Paris uma These sobre os meios mais conducentes para reconhecer a morte real. Ninguem, até então, melhor que Winslow tinha sabido reunir os factos, e mostrar todos os perigos inherentes aos enterramentos e embalsamentos precipitados. Sem contestação, ao celebre anatomico, que acabâmos de citar, coube a gloria de tirar do esquecimento materia tão importante; foi posteriormente que Bruhier deo á luz uma dissertação sobre a incertesa dos signaes da morte, assim como Louis, Durand, Pinneau, Thierry e muitos outros publicárão escriptos especiaes sobre o mesmo objecto.

O incitamento de Winslow propagou-se com summa rapidez por toda Allemanha, ahi não se contentárão em verter para o allemão as obras francezas; escriptos numerosos dos filhos do paiz apparecêrão; estes attrahirão a consi-

deração do governo, que muito se distinguio pelas sabias providencias que deo. Quão feliz nos reputariamos, se este nosso pequeno trabalho, ainda que cheio de imperfeições, partilhasse a mesma sorte, e conseguisse o respeitar-se mais a vida do homem em seus ultimos momentos!

Julgâmos poder agora examinar quaes os signaes da morte, e apreciar o seu valor. Em sua exposição trataremos primeiramente dos que nos são fornecidos pela ausencia dos actos vitaes; fallaremos em segundo lugar de certos phenomenos que se manifestão ordinariamente depois da morte.

§. 1.°

Signaes que nos são fornecidos pela ausencia dos actos vitaes.

A. — A ausencia ou cessação da respiração é de todos os signaes o mais fallivel, como o provão de uma maneira peremptoria os immensos asphyxiados que, por assim dizer, tem recuperado a vida. Com effeito, os movimentos da respiração parecem algumas vezes ter cessado de todo, entretanto que o diaphragma por meio de um jogo lento e insensivel, que escapa aos olhos mais observadores, entretem a vida organica. Além disto, Haller e muitos outros autores citão exemplos de individuos que gozavão da faculdade de suspender a seu bel-prazer a respiração. Entre muitos que apontão, mencionaremos o de um espião que, sendo preso e vendo seu supplicio imminente, tentou livrar-se, fingindo-se morto; para conseguir seus fins suspendeo a respiração, e todos os movimentos voluntarios por doze horas, supportando insensivelmente todas as experiencias que se lhe fizerão.

Quem ha ahi que não conheça o facto do coronel Townshead, passado na presença do Dr. Baynard e do pharmaceutico Schrine?

B. — A circulação deixa de effectuar-se, quando a respiração cessa; em verdade, a abertura da veia de um cadaver ordinariamente não fornece sangue; mas ésta circumstancia é tão commum ás sangrias, que não vemos que d'isso se possa tirar inducção alguma rasoavel, e tanto mais, quanto podemos oppôr-lhe casos de mortes bem confirmadas em que tem apparecido copiosos corrimentos de sangue, designados na sciencia pelo nome de *cruentação cada-*

vertex (1). Demais, não nos mostrão as syncopes todos os dias que não devemos dar valor algum a este signal?

C. — A falta de sensibilidade entra no número d'aquelles signaes que menos certeza offerecem, e para prova temos a insufficiencia dos estimulantes, das moxas e escarificações que pela mór parte nada aproveitão nos asphyxiados. Ainda vem em nosso apoio a estirpação de um cancro, feita pelo Dr. Cloquet em uma mulher, no momento em que foi acommettida de um ataque de extasis; operação que foi terminada, sem que ella désse fé de cousa alguma e mostrasse o menor indicio de dôr. Todavia, longe estamos de pensar que estes meios, por muito tempo continuados, deixem sempre de sortir bons effeitos, e de ser ás vezes seguidos de resultados maravilhosos; temos presente a esposa de Rousseau (de Rouen) que deveo a vida ás escarificações.

D. — Ja vimos que, apenas morre o homem, prevalecem somente as qualidades geraes da materia; as suas partes abandonadas a si mesmas cedem ao proprio pêso: as pontas dos pés voltão-se para fóra, a maxilla fica pendente, tudo emfim jaz em um estado de immobilidade completa. A sahida das materias alimentares, das fecaes e dos vermes, que commummente se observa nos cadaveres, longe de depender da contracção do œsophago, estomago e intestinos, resulta n'estes casos de sua immobilidade, e é coadjuvada ainda pela distensão, que soffrem essas partes por effeito da expansão dos gazes que se desenvolvem no interior. Comtudo, cahiremos em erro, se nos deixarmos seduzir pela confiança que este signal, á primeira vista, parece infundir, não so porque a paralysia, asphyxia, syncope e muitas outras affecções são acompanhadas de uma quietação, de huma immobilidade perfeita, mas tambem porque a contractibilidade subsiste algumas horas depois da morte; ella aban-

(1) Estes corrimentos, que longe de indicarem um resto de vida annuncião o começo da fermentação putrida, podem ser acompanhados de apparencias de pulsações dos vasos, que facilmente farão claudicar a medicos inexperientes. Lemos no *Jornal Geral de Medicina* ter Bidley observado em um cadaver pulsações nas carotidas e temporaes. O redactor do Jornal, aproveitando o ensejo, accrescenta ter elle e seu collega, o Dr. Voisinet, notado alguma cousa de analogo, vinte quatro horas depois da morte, em uma moça que succumbira aos progressos de um tumor carcinomatoso que se desenvolvêra no hemispherio direito. Incisando a região temporal esquerda, e abrindo a arteria do mesmo nome, percebêrão pulsações ao longo d'ella, sendo cada uma seguida da sahida de algumas gotas de sangue, dilatadas por um liquido aeriforme; estas pulsações que se succedião com rapidez, durárão por alguns segundos, parárão por momentos para de novo tornarem a apparecer. Os operadores as attribuirão, e com rasão, ao desprendimento de gazes, resultado do principio da putrefação; pois que bolhas circulavão de envólta com o sangue, e produzião com o seu rompimento o phenomeno observado. Passadas poucas horas, signaes não equivocos da putrefação vierão firmar este juizo.

dona primeiramente o ventriculo esquerdo do coração, depois os orgãos musculares, d'estes passa a extinguir-se nos musculos propriamente ditos, sendo a auricula direita a última que a perde. O utero a tem conservado em certas circumstancias em tal grau, que o fructo da conceição ha sido expulso muitas horas depois da morte. Lêm-se oito observações bem authenticas, na dissertação do Dr. Torally, que confirmão o que avançâmos, e Bartholin colheo outra bastante curiosa, em que essa expulsão teve lugar 48 horas depois da morte. Posto que o mais frequente seja encontrar-se a maxilla pendente, não se experimenta algumas vezes tanta difficuldade em affastál-a do maxillar superior? Não vio Haen em um caso de tetanos o maxillar inferior permanecer, por 24 horas, tão aproximado do superior, que lhe foi impossivel durante todo este tempo determinar seu abaixamento? Não se contrahem os musculos quando submettidos, pouco tempo depois da morte, á acção da pilha galvanica? Concluimos pois dizendo: que este signal não nos merece o pêso que os autores lhe tem querido attribuir.

E. — Se a acção vital das duas mais importantes funcções da economia, da respiração e circulação, é a primordial fonte, d'onde dimana o calor animal, é obvio, que a sua aniquilação, ou tão somente suspensão, arrastra de necessidade o resfriamento do corpo humano. É justamente o que succede na syncope prolongada, e nas diversas especies de asphyxia, como na morte real. Mas como este phenomeno é subordinado a diversas causas, apparecendo mais ou menos promptamente conforme tem cessado a respiração e a circulação, e conforme o genero de molestia que determina a morte, que inducção poderemos tirar delle? Assim, se os individuos succumbem á apoplexia, ou a affecções agudas, levão muito tempo em perder o calor, quando os que acabão em consequencia de molestias chronicas, de hemorrhagias, dão-nos immediatamente depois do último suspiro a desagradavel sensação do mais completo frio cadaverico. Mais lentamente se dissipa o calor nos gordos e adultos, *cæteris paribus*, do que nos magros e moços. Quanto mais elevada fôr a temperatura do meio em que se achar o cadaver, tanta maior morosidade haverá no desapparecimento do calor, e podemos mesmo até certo ponto conservál-o artificialmente, ja mergulhando o cadaver em agua quente, ja privando-o do contacto do ar por meio de coberturas. Ora, se de um lado vemos, que circumstancias ha que podem fazer permanecer o calor por muito tempo depois da morte real, se de outro sabemos, que ha molestias em que, sendo ésta apparente, o calor desapparece, como na hysteria, nas febres algidas, &c., que concluirmos d'aqui, senão que, apezar do resfriamento ser um phenomeno cadaverico constante, está mui longe de per si so poder servir-nos de guia para a solução do nosso problema, isto é, distinguir a morte real da apparente.

§ 2.°

Phenomenos que se manifestão ordinariamente depois da morte.

A. — O primeiro, que se offerece a nossa contemplação, é a face cadaverica (1) que foi descripta pelo Pae da medicina, da maneira seguinte: nariz afilado; olhos encovados; temporas abatidas; orelhas frias, seccas e retrahidas; pelle da fronte tensa e arida; côr da face pallida, livida ou achumbada. A estes caracteres podemos accrescentar: labios lividos e pendurados; maçãas do rosto, e bordas arbitrarias muito proeminentes; cabellos do nariz, e pestanas cobertas de uma poeira branca amarellada, barba dura e enrugada; palpebras entr'abertas, e glóbos dos olhos voltados de maneira que se deixa perceber a sclerotica. Este signal que ha sido apontado como de grande importancia, e a que Chaussier chamou face adynamica, é de fraco valor. Se é verdade, que na face da mór parte dos cadaveres se nota ésta decomposição, é igualmente certo que falha quasi sempre nos individuos mortos subitamente, e nos que succumbem a molestias de pouca dura. Accresce que os doentes de avançada edade, os que se achão affectados de molestias chronicas, os que se deixão possuir de terror panico, adquirem muito antes da morte alguns dos traços que caracterisão a face cadaverica. Isto se vê commummente nos criminosos que são condusidos ao patibulo.

B. — Os humores aquoso e vitreo, distendendo as membranas que entrão na organisação dos olhos, lhes dão a resistencia e brilhantismo que os distinguem, contribuindo muito para este fim o ser a cornea distendida ainda por um humor lusidio que se acha interposto em as differentes folhas que a compõe. Como sabemos, estes humores são o producto de secreções que diminuem a par da edade, e que, achando-se quasi ensecadas na velhice, cessão de todo com a morte; então deixão de ser compensadas as exhalações que, não obstante mudarem de natureza, continuão sempre a effectuar-se no cadaver; perdendo-se assim grande parte dos humores existentes. Os olhos para logo se

(1) *Et vulgus*, diz Houllier, *Hippocraticam faciem appellat, quia sit descripta primum ab Hippocrate.* Perguntaremos com Chaussier: Devem os Medicos adoptar esta expressão vulgar? Devem perpetuál-a em seus escriptos? Esta alteração da face foi mais propriamente chamada pelos antigos *facies cadaverosa, mortifera.*

resentem d'esta perda, e em vez de firmes, resistentes e brilhantes que erão, apresentão-se molles, flaccidos e embaciados, concorrendo mais para que os olhos fiquem desluzidos a formação de uma camada viscosa, como membranosa, que se deposita sobre a cornea. Ésta teia, ésta especie de véo que se rompe pelo menor contacto, fórma-se algumas vezes antes da morte, o que tem dado lugar a diversas exclamações junto ao leito dos moribundos.

Todas éstas mudanças que sobrevem nos olhos dos mortos, e sobretudo a flaccidez ha sido reputada por muitos autores como caracter tão concludente, que não tem hesitado em considerál-o como signal que mostra irrefragavelmente que a morte é real; não correndo, segundo elles, o menor risco de se enterrarem os cadaveres que o apresentarem, e deste modo tornando-se inutil e superfluo esperar por indicios de putrefação. Pelo contrário, assegurão que, em quanto os glóbos dos olhos conservarem a resistencia que lhes é propria, não se póde asseverar que o individuo está morto, quaesquer que sejão os outros signaes que a isso nos induzão. Eis aqui como o celebre Louis, sem dúvida mais restricto, se explica a este respeito: « a perda do brilhantismo dos olhos, e a formação da teia não são signaes decisivos que tragão comsigo o cunho da realidade; pois que os olhos perdem seu brilho em certas affecções moraes, e tenho visto camadas viscosas sobre a cornea em algumas molestias das palpebras; os olhos dos mortos porém tornão-se flaccidos, molles, depremiveis e sem a menor resistencia: ora, não havendo na economia animal revolução alguma que possa produzir semelhante alteração, ouso apresentar este signal como verdadeiramente caracteristico e indubitavel, e tanto que nos forra de esperarmos alterações ulteriores. » Winslow e Verdier nutrem a mesma opinião.

Muito acatâmos a autoridade de Louis e de seus sectarios, escudado porém com a de Orfila, opinâmos que em muitos casos a flaccidez é um phenomeno cadaverico, mas nunca caracteristico. Em verdade, se reflectirmos que individuos asphyxiados cujos olhos se achavão abatidos, flaccidos e cobertos do véo, de que fallámos, recuperárão a vida; se attentarmos que cadaveres tem havido que hão conservado o brilho e a integridade dos olhos muito tempo depois da morte, como deixaremos de admittir com repugnancia a opinião de Louis em toda a sua latitude, e isentar-nos de coarctar-lhe as rayas? Se Louis ponderasse que em muitas circumstancias olhos de cadaveres, que até um tempo dado são flaccidos e desluzidos, se tornão no fim de algumas horas muito resplandecentes e volumosos, certamente não enunciaria proposição tão generica; pois, como é de presumir, devêra saber, que o estar o cadaver simplesmente voltado sobre o ventre, póde dar lugar a esta mudança, que na maioria das vezes é determinada pela accumulação nas cavidades direitas do coração de

grande quantidade de sangue, que aflue para as veias da cabeça, face e olhos, em consequencia de ser o diaphragma empurrado debaixo para cima pelos gazes que se desenvolvem no estomago.

C. — A morte tem côres peculiares de que se reveste, apenas se tem consummado em todos os orgãos, e que se tornão tanto mais intensas, quanto mais tempo decorre depois que se apossa d'elles. Na mór parte das mortes violentas, a face conserva por algum tempo quasi a côr natural; mas bem depressa se torna pallida, e vai soffrendo todas as graduações até ficar livida ou negra. Não assim nas mortes lentas e consecutivas a molestias duradouras, em que a pallidez se manifesta muito antes da morte. A pallidez se patenteia sobretudo nas membranas mucosas, como as das palpebras, labios, bocca e fossas nasaes; não se limita á face, extende-se por todo o corpo, não poupando a superficie das feridas que se nos mostrão pallidas e descoradas (1). Comtudo, releva notar que a pallidez é tambem produzida pelo frio, é um symptoma assás commum de algumas molestias nervosas, e de certas affecções d'alma, e individuos ha naturalmente pallidos, e mesmo de huma côr achumbada e cadaverica; os trabalhadores de certas minas nos dão exemplos não raros d'esta verdade (2).

D. — Manchas mais ou menos extensas, de uma côr escura ou azulada, e que se formão mais ou menos promptamente depois da morte, constituem o que se chama livores cadavericos (3). De ordinario os livores se circumscrevem ao dorso, ás nadegas, e partes sobre que se acha o cadaver na occasião de arrefecer; acontece porém, e não raras vezes, extenderem-se á cabeça, pescoço, e partes genitaes, e não nos admiraremos, se as encontrarmos disseminadas por todo o corpo, affectando immensas variedades, quer quanto á fórma, quer

(1) Devendo os tecidos sua côr ao sangue, facilmente se concebe e explica a pallidez pela reconcentração do mesmo para as veias cavas, cavidades direitas do coração, vasos do pulmão, e systema capillar d'este orgão, ficando quasi inteiramente privadas d'elle as cavidades esquerdas, as arterias, e systema capillar geral: a reconcentração, de que fallámos, é ás vezes levada a ponto, que engorgitamentos que existião durante a vida, não deixão o menor traço de sua existencia depois da morte.

(2) Consulte-se o Jornal de Medicina de Leroux e Corvisart, onde estes mostrão ter Haller observado em sua prática, no hospital da antiga Escola, o que deixamos dito.

(3) Segundo a etymologia, o valor litteral da palavra, e a accepção recebida em todos os tempos, não se deve, nem se póde dar ás ecchymoses o nome de livor; este é formado pela stase ou congestão do sangue nas redes capillares. A extravasação é o caracter essencial das ecchymoses: isto não escapou aos antigos escriptores francezes, que lhes derão o nome de sangue morto. Joubert diz: *le sang a perdu sa naïfve et vive couleur, ce qui lui advient bientôt après qu'il est hors des veines.*

quanto á extensão; differenças que dependem da natureza da affecção que produz a morte, e das circumstancias que a acompanhão.

Os livores podem ser entrecortados por linhas ou regos, diversamente dispostos, e mais ou menos profundos; estes regos tem sido comparados ás marcas que deixa a percussão feita com varas, e d'ahi os nomes de vebices, *vergetures*, *cutis sigillata ex verberibus*; mas estes signaes são tão somente o effeito das ligaduras que existem na superficie do corpo, das dobras dos vestidos, ou das salliencias e desigualdades do lugar em que é deposto o cadaver.

Commummente o livor da pelle começa algumas horas depois da morte; póde porém declarar-se muito antes que a morte seja completa, e até durante as affecções; assim no curso de differentes molestias, e especialmente na agonia, as unhas dos pés e das mãos, o nariz, os labios, &c., revestem-se de uma côr livida; outras vezes, pelo contrário, não sobrevem senão depois de dois, tres, quatro e mais dias.

Os Medicos tem tido mais de uma occasião de observar a pelle coberta de manchas azuladas em diversas molestias; isto basta para que os livores cadavericos não se possão prestar com vantagem para fundamentar a realidade da morte.

E. — Todos os tecidos do corpo humano experimentão depois da morte um relaxamento notavel, a pelle torna-se frouxa e parece adelgaçada; o tecido cellular é menos consistente, os musculos não apresentão aquella resistencia que os distingue durante a vida, e suas fibras se rompem sem custo; o coração, o baço, e as demais visceras são molles e menos resistentes; a este relaxamento porém succede a rigesa, phenomeno cadaverico que imprime ao corpo uma dureza que lhe era estranha, e que ás vezes é levada a ponto de se poder levantar um cadaver pelos pés ou cabeça, sem que, á maneira de um tabuão, execute a menor flexão.

Ésta rigesa começa ordinariamente pelo tronco e pescoço, d'ahi passa a manifestar-se nos membros thoraxicos, e finalmente nos abdominaes; guarda a mesma ordem em seu desapparecimento, o que póde dar lugar, como observou Renauldin em um caso de asphyxia, a que as extremidades inferiores se conservem rigidas, ao passo que as superiores e as outras partes tenhão recuperado seu antigo relaxamento.

A sua energia e duração estão na razão directa da conservação das forças musculares, isto é, sua intensidade e persistencia são tanto maiores, quanto menores são as alterações do systema muscular: assim dura muito tempo e é muito energica depois da morte produzida por uma gastro-enteritis aguda pelos venenos narcoticos e corrosivos, pela abertura de hum grosso vaso: isto mesmo se observa nos decapitados, estrangulados, e asphyxiados por gazes deleterios.

emfim em todos aquelles casos em que os musculos, em vez de inanidos e mirrados, se conservão fortes e desenvolvidos, não tendo perdido nada de sua robustez. É igualmente energica e duradoura nos individuos victimas de febres agudas, e sobretudo das febres ataxicas e adynamicas ordinarias; perde um pouco de sua intensidade e dura um pouco menos em algumas febres adynamicas, que reinão nos grandes calores do estio, e maxime se grassão em paizes quentes, onde éstas costumão apresentar em subido grau todos os caracteres da dissolução dos humores. Com effeito, os cadaveres das pessoas, que a ellas succumbem, tornão-se notaveis pela grande quantidade de sangue puramente liquido, que se encontra no coração e grossos vasos, e pela promptidão com que a putrefação d'elles se apodera. Outro tanto não diremos dos que morrem em consequencia de molestias chronicas, escorbuto, cancro do estomago, e tisica pulmonar; affecções éstas que, accarretando comsigo uma penuria de forças, um enfraquecimento extremo, reduzem os doentes ao marasmo o mais completo; em os cadaveres d'estes a rigesa será fraca e durará pouco.

A rigesa sempre começa quando o calor animal parece extinguir-se, isto é, no momento em que a contractibilidade muscular está prestes a perder a faculdade de ser posta em jogo, de uma maneira sensivel, pelos estimulantes artificiaes; como porém o calor vital, e a contractibilidade muscular apparente se conserva depois da morte por tanto mais tempo, quanto mais resguardado está o corpo do contacto do ar, segue-se que a rigesa deve apparecer muito mais tarde nos individuos que no momento da morte estão acobertados e ao abrigo das influencias da atmosphera, que não nos que ficão expostos ás suas injurias.

Em quanto persiste a rigesa, as forças chimicas achão-se como que entorpecidas; é somente quando cessa, que estas começão a supplantar as organicas e a operar com efficacia a dissociação dos tecidos; mas como condições ha que, por isso mesmo que enfraquecem as segundas, vigorão as primeiras, resulta que a rigesa, que póde ser encarada como a expressão da resistencia que ás chimicas oppõe as forças organicas, desapparecerá muito mais promptamente, quando o cadaver estiver submettido a um ar humido e de temperatura de 15 a 20 graus do thermometro de Reaumur, que não quando experimentar o influxo de um ar secco e frio.

A pelle, as partes fibrosas que cercão as articulações, as capsulas synoviaes, e emfim os musculos são os orgãos que poderão ser reputados como séde da rigesa. Do que até aqui temos dito, póde-se ja presumir que a rigesa pertence aos ultimos; recorramos ás experiencias de Nysten, e vejamos se confirmão tal presumpção. A tenuidade, delgadeza e falta de resistencia do orgão cutaneo bastão para sua exclusão; todavia, este prático quiz certificar-se, se sua adhesão aos tecidos subjacentes influia de algum modo sobre sua intensi-

dade; para isso destacou a pelle do braço e da coxa de um cadaver, com a precaução de não interessar fibra alguma muscular, e os membros permanecêrão tão rigidos como antes: destruio depois os ligamentos lateraes das articulações do joelho e cotovello, e não notou diminuição alguma: passou a abrir as capsulas synoviaes das mesmas articulações, injectou-as com agua fria a fim de destruir a agglutinação que a synovia espessada podesse ter determinado entre as superficies articulares, e ainda assim a rigesa persistio com a mesma intensidade: não poude porém cortar impunemente os musculos, sua acção transversal fêl-a desapparecer de todo. Repetindo ésta experiencia por vezes, obteve sempre os mesmos resultados, o que comprova que a rigesa tem sua séde nos musculos.

Agora que temos demonstrado qual a séde da rigesa, vejamos se podemos attingir sua causa. Effectuar-se-ha em virtude da contractibilidade vital dos musculos, ou de alguma propriedade physica, dependente da sua textura, tal como a contractibilidade do seu tecido? Ainda por ésta vez recorramos a Nysten que parece não ter deixado dúvida alguma sobre a solução da questão. Se este phenomeno, diz o autor, dependesse de uma propriedade physica, ésta, por isso que é extranha á vida, se exerceria por todo o tempo que os tecidos conservassem sua integridade; isto posto, o estado natural de um membro cujos musculos não estivessem em contracção seria o da rigesa; é justamente o que não se verifica, porque nas circumstancias em que os musculos estão no repouso o mais absoluto, como acontece durante o somno, os membros apresentão o maior relaxamento possivel, e as articulações são muito flexiveis; e todavia o tempo do somno é o que mais favorece o exercicio das propriedades physicas. Demais, se empregar-se uma força qualquer capaz de vencer a resistencia de um membro endurecido, a rigesa não reapparecerá, e as articulações se prestarão com muita facilidade a todos os movimentos que lhes quizermos imprimir; o que de facto não succederia, se a contractibilidade do tecido interviesse na producção d'este phenomeno. Estes factos provão, conclue Nysten, que a contractibilidade muscular, na verdade muito fraca, é a unica causa da rigeza cadaverica.

Este prático porém não se limita a investigar a causa, pretende mesmo explicar a maneira pela qual a rigesa se effectua, estabelecendo para isso a seguinte hypothese: supponha-se que os musculos empregão uma força, que póde ser representada por 20, para determinar a flexão completa do ante-braço sobre o braço; d'ella se collige que a força igual a 10 será a sufficiente para produzir a semiflexão, e a equivalente a 5 a muito bastante para que este movimento tenha lugar pela sua quarta parte; ora, se no cadaver subsistir uma força como 1/20, é claro, que não haverá contracção, mas simplesmente a rigesa que a costuma preceder.

Nysten com muita subtileza procura, em sua memoria, descriminar a rigesa accidental da cadaverica, que não poucas vezes acontece ser imitada por differentes estados pathologicos, como sejão a inflammação do cerebro e suas membranas, apoplexia, tetanos e outras molestias convulsivas; procura marcar os caracteres, ou pelo menos as circumstancias que nos devem guiar, quando se tratar de extremar a que é verdadeiramente filha da morte da que póde ser simulada pela congelação, syncope, e asphyxias; procura definitivamente tirar o corollario de que a rigesa é o signal por excellencia, o unico em que nos devemos confiar, a menos que se aguarde um principio de putrefação bem pronunciado, porque traz comsigo a confirmação, o sello da morte. Examinemos pois em que consistem essas differenças, no que seremos breve.

A rigesa que resulta da apoplexia, da inflammação do cerebro, &c., se distingue facilmente da cadaverica pelo calor sensivel que as partes conservão, e pela promptidão com que os membros retomão sua antiga posição, quando desviados d'ella. Não assim na cadaverica, em que recebem e guardão a postura que lhe queremos dar.

A provinda da congelação se descriminará pelo conhecimento que adquirimos de que o individuo, que a apresenta, esteve exposto ao frio, e se sua entensidade foi tal, que fosse capaz de determinar a morte; pela rigesa das paredes abdominaes que em a cadaverica conservão-se mais ou menos flaccidas; pela dureza dos orgãos glandulosos; pela depressão que permanece muito tempo sem se desvanecer, quando se comprime qualquer parte de um membro congelado; e em ultimo lugar pelos pequenos estalos, comparados pelos autores ao tinido do estanho, produzidos pelo quebramento dos fragmentos de gelo que se achão entre os tecidos, e que se ouvem ao mover-se qualquer dos membros. Mas perguntamos nós: teremos sempre quem auxilie nossas indagações, ministrando-nos informações que nos ponhão ao alcance de saber que tal ou tal pessoa esteve submettida a uma temperatura extremamente baixa? Suppondo que todas as informações sejão exactissimas, poderemos avançar que não está morta, por isso que a temperatura não era a das mais frias? Não sabemos que homens ha, que supportão frios intensos, sem que d'ahi lhes resulte inconveniente algum, ao passo que outros se ressentem do mais ligeiro? Além disto, a marca ou cova que fica em um membro edematoso, quando comprimido, não gasta tambem tanto tempo em esvaecer-se? Esse ruido ou pequenos estalos, que apontámos, serão sempre tão manifestos e claros que não possão escapar a nossa observação? É o que resta provar.

Quanto á rigesa que algumas vezes acompanha a asphyxia, se o accidente é recente, se somente 10 a 15 minutos se tem passado, póde-se assegurar que o individuo vive; pois não é compativel que n'este pequeno prazo houvesse

asphyxia, morte e rigesa; porque como se sabe, ésta apparece tanto mais tarde, quanto maisviolenta é a morte; empregar-se-hão portanto todos os meios sanccionados pela prática, como os mais proveitosos e energicos para reanimar os movimentos vitaes. Se o Medico porém é chamado horas depois do incidente, e se não obtem noções á cerca do tempo que se ha escôado, então, se a asphyxia houver sido occasionada pelos gazes, azoto, hydrogeno, protoxido de azoto, hydrogeno carboretado e outros, ou pelo ar não renovado, e o corpo se achar frio, está autorisado a concluir que a rigesa é cadaverica, porque n'estes casos o cadaver conserva algum calor pelo espaço de 12 horas, e porque impossivel é que um asphyxiado viva tanto tempo.

As mesmas observações faz Nysten a respeito da rigesa nascida da asphyxia por estrangulação e submersão, não se devendo n'esta última ter em consideração o grau de calor, mas simplesmente o tempo que ha decorrido. D'aqui se infere que Nysten apresenta, como base e guia principal para distinguir a rigesa cadaverica da symptomatica de differentes asphyxias, o tempo que medeia entre a época do acontecimento e a em que o Medico é reclamado para prestar soccorros. Bom será porém, que não dêmos plena confiança ao meio que Nysten nos aponta, e seguindo o prudente e judicioso conselho de Orfila, recorramos sempre á pilha galvanica.

Se em todos os casos apontados, difficuldades se offerecem, éstas avultão de tal modo na rigesa que succede á syncope, que podemos dizer, com o Sr. Dr. Jobim, que então somente a pilha galvanica nos poderá esclarecer sobre sua natureza.

Encaremos agora a rigesa simplesmente como phenomeno cadaverico, e façamos ver o valor que differentes autores lhe conferem como signal de morte. Eis como se exprime Louis: « Observações feitas com toda a exactidão, despidas de toda a parcialidade e prejuizo, e continuadas por muitos annos, me tem mostrado, em mais de 500 individuos, que depois da morte as articulações tornão-se rigidas, considero pois a flaccidez dos membros como um dos principaes signaes de que a morte não é real. » Orfila encara a rigesa cadaverica como uma prova da certeza da morte, e como precursora da putrefação: quando a rigeza é manifesta, diz o autor, póde-se proceder sem temor ao enterramento. Com quanto Nysten, Adelon, Bouillaud e outros compartão ésta mesma opinião, nós dissentimos, e julgâmos, com Julia Fontenelle, dever refutar éstas idéas, como perigosas e combatidas por autores não de menor nome, e infirmadas ainda por alguns factos. Em verdade, Haller e Bichat negão que a rigesa seja constante. Leroux affirma que em muitas molestias, nas do coração, sobrevem muito tarde. Rachoux accrescenta que em alguns casos falha de todo. O Dr. Grimaud, encarregado da verificação das mortes, diz não a ter observado

sempre, o que o obrigára a visitar mais de uma vez os cadaveres, e não determinar sua sepultura, senão depois de ter apparecido um começo de putrefação. Julia Fontenelle observou tres casos de asphyxia, em que os tres cadaveres não apresentárão a menor rigesa. Bully cita o facto de um cadaver em que, desapparecendo a rigesa, signal algum de putrefação se declarára. Vê-se pois, pelo exposto, que a rigesa, com quanto seja um dos principaes signaes da morte, não offerece essa certeza mathematica e confiança que Nysten, Orfila e Bouillaud apregoão.

F. — A putrefação é o último phenomeno cadaverico que tem lugar, e que só se declara quando a rigesa tem desapparecido; então os tecidos adquirem uma molleza que augmenta gradativamente; os humores retomão sua antiga fluidez, e transsudando de seus reservatorios, impregnão de seu cheiro e sua côr os tecidos circumvisinhos. A putrefação começa de ordinario pelo abdomen, por causa das materias fecaes que ahi se achão accumuladas; passa depois para o resto do tronco, atacando de preferencia os orgãos os mais molles, os mais embebidos de liquidos, e os mais alterados pela molestia. Pouco a pouco vai ganhando incremento até que chega a ser geral; então o cadaver exala um cheiro dos mais insupportaveis, e capaz de tudo inficionar. Este trabalho desorganisador é tanto mais prompto e rapido, quanto mais rico é o cadaver de fluidos, e conforme se achão mais completamente reunidas as condições physicas que exige, a saber: o contacto do ar, uma temperatura entre 18 a 25 graus, humidade e electricidade.

Em opposição a John Manners, Luiscius, Fourcroy, e Guntz, que não tem a primeira condição em grande monta, e que admittem a *possibilidade* da putrefação no vacuo, Gay-Lussac demonstrou que o ar é de todas as condições a mais favoravel, e poder-se-hia mesmo dizer indispensavel. A acção do calor sobre a putrefação varia segundo seu grau a 0° e a + 50° não se estabelece; no primeiro caso, por acharem-se os liquidos congelados; no segundo, por haver grande evaporação, de maneira que os tecidos tornão-se deseccados, adquirindo d'est'arte a albumina e fibrina mais consistencia e solidez. Outro tanto não acontece, quando o cadaver se acha exposto a uma temperatura de 18 a 25 graus, ésta a favorece sobremaneira. A humidade a activa muito, como o comprovão as experiencias de Gay-Lussac que conservou um pedaço de carne por muitos mezes, garantindo-o da humidade por meio de um vaso, e do chlorureto de calcio. As experiencias de Matuci nos mostrão não ser menor a influencia da electricidade.

A putrefação emfim apresenta differenças extraordinarias, segundo a natureza dos meios em que se achão os cadaveres; as quaes de certo não analysa-

remos, não so porque isso nos consumiria muito tempo, como tambem por julgarmos que assim muito nos affastariamos do nosso objecto.

Apezar do respeito que consagramos a Fourcroy, que pensa que a putrefação se póde operar durante a vida, com tanto que ésta haja perdido certo grau de sua energia, não podemos acceitar semelhante proposição; comtudo, bem longe estamos de crer que a putrefação se não possa manifestar em um ponto circumscripto do corpo de um individuo vivo; mas então esse ponto apresenta todas as condições das materias animaes que se achão sob a dependencia dos agentes physicos e chimicos, queremos dizer, está privado de vida. Do mesmo modo não compartimos a opinião de Barthez, a despeito da grande autoridade de que se acha investido seu nome; e ainda que Thierry não repute sempre a putrefação como prova indubitavel da morte, nós julgâmos que ella é o unico signal real e absoluto, vista a convicção, que temos, de que a putrefação exclue toda e qualquer idéa de vida. Este tambem é o pensar de Zacchias, Celso, Boerhaave, Winslow, Bruhier, Hoffmann, Orfila, em uma palavra, de quasi todos os medicos antigos e modernos. Como porém o esperar que a putrefação se torne geral acarreta de necessidade graves inconvenientes, como por mais de uma razão nos devemos contentar com o seu começo, perde este signal muito de seu valor. Em verdade, os primeiros indicios da putrefação nem sempre são tão distinctos, que não nos possão induzir a erro. Ésta asserção, que é conforme á opinião de Louis, é ainda roborada por Orfila, que a este respeito assim se exprime: « Facilmente cahiremos em erro, se nos deixarmos guiar unicamente pelo cheiro e pela côr da pelle; quanto ao cheiro sabe-se: 1.° que varia consideravelmente segundo o meio em que se acha o corpo que se decompõe; 2.° que algumas vezes é apenas sensivel; 3.° que em muitas circumstancias o cheiro do meio em que existe o cadaver predomina de modo que encobre e faz que seja impossivel sentir-se o do corpo que se corrompe; 4.° que individuos ha que exalão um cheiro infecto. Quanto á côr diremos: 1.° que differe muito conforme a época da putrefação; 2.° que em certas molestias inflammatorias e nervosas a pelle se cobre de manchas lividas ou azuladas, que bastante analogia offerecem com as que se desenvolvem durante a decomposição putrida. »

Por termos mostrado que todos os signaes da morte são mais ou menos falliveis, não se pense que nunca poderemos affirmar que um individuo está morto: assim seria, se na morte real apparecesse um so signal isoladamente; mas como se ajuntão ordinariamente muitos, a sua reunião póde ter um valor decisivo. Permitta-se porém que terminemos esta parte de nossa These, repetindo por mais ésta vez que suas apparencias são tão enganadoras, e

que tem illudido a tantos medicos, aliás assás experimentados, que nos devemos pôr em guarda com a fallibilidade dos signaes que a annuncião; que nos cumpre não esquecer que a ignorancia, imprudencia, e precipitação tem feito descer ao tumulo individuos que não tinhão perdido ainda todos os seus direitos á vida. Verdade bem triste! e que não escapou ao grande pintor do coração humano, Molière, quando dice:

Qui tôt ensevelit, bien souvent assassine,
Et tel est cru défunt qui n'en a que la mine.

TERCEIRA PARTE.

Aliqui ergo non assequentes sensu, apoplecticos, suffocatos, syncopizantes, &c., hujusmodi respirare, dixerunt in illis servari tantummodo transpirationem, quam sufficientem esse volunt ad vitam utcumque conservandam. Respectivè ergo ad nos, et sensum nostrum homo potest absque ullo sensu et motu etiam pulsus, et respirationis vivere, ita ut à verè mortuo vix, ac ne vix quidem dignosci valeat, sic enim concludunt auctores omnes supracitati, et alii, quos recensere est supervacaneum.

(Zacch., *Lib.* 4.°, *Tit.* 1.°, *Quæst.* 11.ª)

N'esta parte da nossa These, algumas paginas consagraremos ás molestias que mais commummente podem simular a morte; por isso que reina estreita ligação entre ellas e o objecto que para ponto da dissertação escolhemos.

Começaremos pela *asphyxia*. Ésta palavra derivada de duas raizes gregas exprime, em seu sentido rigoroso, falta de pulso. Os antigos, considerando o coração como a principal roda da maravilhosa máquina que representâmos, compreendião debaixo d'esta denominação todas as mortes apparentes. Os modernos, guiados pelo facho da physiologia, mostrárão que a acção dos centros nervosos e dos pulmões não era menos essencial ao entretenimento das funcções, e que estes dous apparelhos, bem como o terceiro, podião ser o ponto de partida dos accidentes das mortes apparentes. Forão levados por éstas considerações a restringir a accepção lata do termo asphyxia, e a assignalarem com elle, em despeito de sua etymologia, somente as mortes apparentes que reconhecem como causa primaria a suspensão dos phenomenos respiratorios. Vê-se que tanto os antigos como os modernos peccárão, caindo todos em extremos; mas como ésta ultima intrepretação se acha recebida

em a sciencia, não seremos nós que lhe iremos ao encontro; pelo contrário, a adoptaremos.

Bem como os autorès tem discordado á cerca da verdadeira interpretação da palavra asphyxia; assim differentes hão sido as theorias com que tem pretendido explicar a morte apparente. D'ellas fallaremos muito de passagem. Posto que Haller não dedicasse um paragrapho especial á asphyxia, é facil enxergar, no terceiro tomo de sua grande obra, um resumo de explicações sobre o mecanismo da morte apparente. A idéa vigente em seu tempo fundava-se na supposição de que os pulmões, pela interrupção da respiração, se tornavão quasi impermeaveis ao sangue projectado pelo ventriculo direito, accumulando-se este liquido nas divisões da arteria pulmonar, nas cavidades direitas do coração, e systema venoso geral; não chegando de todo ao ventriculo esquerdo, ou fazendo-o em quantidade muito diminuta. Os antigos estavão todos concordes em attribuir a morte apparente á impossibilidade que o sangue encontrava em trajectar pelos pulmões; não assentião porém na causa efficiente d'esta estagnação, e cada qual a explicava a seu modo. Huns attribuião a ser o coração puxado para baixo pelo diaphragma; outros a que as arterias erão alongadas, e por isso estreitadas. Demoor pensava que as arterias erão comprimidas pelos vasos aerios dilatados; mas a opinião que figurava em primeiro lugar, e então vogava, consistia em crer-se que o ar introdusido nos pulmões adquiria immediatamente a temperatura do sangue, em consequencia do que se expandia e comprimia os vasos sanguineos. Haller emfim dava como causa o estado flexuoso dos vasos pulmonares, e suas pregas, o que tudo fazia depender da perda da elasticidade do ar, apenas em contacto com os pulmões, e da tendencia constante que tem estes a diminuir de volume.

Em 1787, Goodwin propôz, em um pequeno ensaio, em latim, idéas bem differentes sobre ésta questão, e desenvolveo sua doutrina em 1789, em sua obra intitulada: *The connexion of life with respiration*. Goodwin, em sua theoria, tambem attribue a morte apparente á suspensão da circulação; mas longe de fazer consistir o obstaculo ao curso do sangue na impermeabilidade dos pulmões, como o fizerão seus predecessores, assigna como causa a cessação das contracções do coração, que resulta, segundo elle, da falta do estimulo que o ar communica ao sangue, ou, em outros termos, da impossibilidade de converter-se o sangue venoso em arterial, e tanto assim que definio a asphyxia: *melanæma impedita sanguinis venosi in arteriosum conversio, cujus signa syncope et livor cutis.*

Os trabalhos de Goodwin começavão a fazer alguma sensação entre os physiologistas, quando appareceo a excellente obra — *Recherches sur la vie et la mort,*

Bichat, cujo nome avantajado por tantos titulos se tornou digno de passar á posteridade e que será sempre memorado com respeito, se apoderou das idéas de Goodwin, e d'ellas algum tanto se apropriou pelo desenvolvimento que lhes deo. A influencia estupefaciente do sangue, que o segundo circumscreve ás cavidades esquerdas do coração, o primeiro extende a todas as outras partes. É este o ponto cardinal das differenças entre a doutrina de Bichat e de Goodwin, e todas as outras propostas anteriormente. Segundo Goodwin, o sangue negro é a causa da asphyxia, pois que paralysa os movimentos do coração; todos os outros phenomenos da morte apparente, como a privação do movimento, sentimento, &c., são consequencias necessarias da suspensão da circulação. Segundo Bichat, ao contrário, o coração continúa suas contracções, envia ao cerebro, aos musculos, e a todas as partes o sangue não vivificante, incapaz de fomentar-lhes a vida e que deve sobrestar sua acção. Ambos invocão a falta de hematose; um porém attribue a asphyxia á descontinuação dos batimentos do coração; o outro affirma, apoiado em experiencias, que é devida a que o coração prosegue a contrahir-se, apezar da interrupção dos actos respiratorios.

Qualquer que seja a theoria que mais se conforme com o estado actual da sciencia, é certo, que ja a Hippocrates não era extranho que submergidos, estrangulados e suffocados podião jazer em estado de morte somente apparente; mas persuadia-se que d'entre elles, os que apresentassem espuma na bocca, achavão-se, por assim dizer, verdadeiramente mortos, ou pelo menos, que todos os nossos esforços para de novamente chamál-os á vida serião de nenhum successo: *Ex iis qui strangulantur et dissolvuntur, nondùm tamen mortui sunt, non resurgunt se quibus spuma circa os fuerit.* Não entrando na indagação da justeza d'este aphorismo, diremos que um grande número de factos vem confirmar que tanto a asphyxia por submersão, como por estrangulação, &c. dá lugar a mortes apparentes, e que de todas a que mais vezes as produz é a occasionada pelos vapores de carvão; felizmente para a humanidade é ésta a menos perigosa, o que se collige do maior número de observações de individuos que, assim asphyxiados, tem escapado á morte.

Os asphyxiados, independentemente da causa que lhes determina a interrupção da respiração, começão em geral de sentir uma agonia extrema, provinda de não poderem satisfazer á de todas a mais imperiosa necessidade da vida, qual a de respirar. A afflicção vai augmentando, e o individuo faz todos os exforços inspiradores, capazes de introduzir ar nos pulmões. A este incommodo se vem ajuntar vertigens e perturbações dos sentidos; a face, os labios, e a origem das membranas mucosas tornão-se lividas; emfim todas as funcções sensoriaes, e faculdades intellectuaes se suspendem. Este estado so se differença da morte

real pela persistencia das funcções da vida organica, que por seu turno cessão, se não se administrão promptos soccorros. (1)

Lethargia. Os autores não são unisonos a respeito do que se deve entender por lethargia. Uns a tem confundido com a apoplexia; outros a tem tomado como symptoma de certas febres ataxicas, e não tem faltado quem a conte no número dos symptomas das febres inflammatorias. O que existe porém de commum entre a lethargia e éstas differentes affecções? quaes suas analogias? Além do somno estertoroso em uma, do cõma ou carus em outras, e de um somno profundo, mas tranquillo na nevrose que nos occupa, outra relação não descobrimos por onde estas enfermidades se toquem. Com effeito, um somno excessivamente profundo e muito prolongado constitue o principal caracter da lethargia: *somnus pathologicus, naturali simillissimus exteroquim, sôla diuturnitate morbosus dici potest.* Éstas idéas estão de acordo com as de Galeno, que dice que na lethargia não havia dôr, tumor, ou lesão alguma particular: *nullum affecti loci signum, neque tumor præter naturam, neque dolor aliquis extat.*

A physiologia, longe de buscar frivolas explicações, confessa não attingir o como obrão as causas sobre o cerebro para determinar a lethargia; o que se sabe é, que não raras vezes é produzida pelas affecções moraes e pelo frio. Ninguem ignora quanto huma temperatura extremamente baixa nos convida para um somno que se nos antolha cheio de delicias, e quão grande esforço é de mister para resistir-lhe. Ésta causa não foi esquecida por Galeno: *lethargus a vehemente frigore ortum trahere censeo.*

Na lethargia, o indivíduo perde o exercicio das faculdades intellectuaes e o movimento; seu somno he a perfeita imagem da morte, e tanto que para alguns o nome lethargia é synonymo de morte apparente, sente-se grande difficuldade e talvez impossibilidade em perceber-se o pulso. Se este estado adquire alguma intensidade, e se prolonga por algum tempo, póde illudir não so aos assistentes como aos Medicos pouco attentados, e é, segundo Lancisi, um dos casos mais embaraçados para o Facultativo pronunciar-se sobre a ausencia ou presença da vida. Em verdade, depois da asphyxia, poucas são as molestias que, como ésta, offerecem tantos exemplos de morte apparente.

J. M., clara, corada, de temperamento sanguineo, bem conformada, foi regulada aos 14 annos, e gozou sempre saude perfeita. Houve suspeita de que se entregára á masturbação; seu clitoris era mui desenvolvido. A 13 de Dezembro

(1) Não compilâmos alguns dos muitos factos que formigão nos autores, porque julgâmos que seria repetir aquillo, de que todos tem mais ou menos conhecimento; todavia diremos que, em Paris, e durante 7 annos, os asphyxiados somente por submersão subirão a 1835, e que destes forão soccorridos 368, e salvos 243.

de 1820, 4 mezes depois da erupção das regras, sentio grande cephalalgia e a sensibilidade exaltada; pouco somno e convulsões geraes sem espuma pela bocca, mas tão fortes que 5 a 6 homens não erão capazes de contel-a em seus accessos. Neste estado permaneceo tres semanas, ao fim das quaes manifestou-se a chorea, que foi immediatamente seguida de catalepsia, para depois sobrevir a lethargia. Durou ésta quatro dias e repetio-se por dez a doze vezes. Quanto antispasmodico, quanto calmante houve, tudo foi inutil em seu emprego. Na última conferencia, em que se achavão os primeiros medicos de Vienna, Pierre Frank, Malfatti, Capellini, &c., declarou-se que nada mais se podia esperar da doente, attento o estado de inanição a respeito de fôrças, e que não viveria mais que 2 ou 3 dias. E na verdade, em a noite seguinte, estando eu perto de seu leito, fez um movimento, levantou-se, e cahio como morta. Quatro dias pareceo-me inteiramente inanimada, sem dar huma so centelha de vida, a pezar de todos os ensaios que fiz com Frank e Schaeffer. Nem espelho, nem penna queimada, nem ammonia, nada nos indicou signal algum de sensibilidade. Frank mesmo a julgou morta, aconselhava todavia deixál-a no seu leito. Vinte oito horas decorrêrão, e nenhuma mudança teve lugar, a menos de um pouco de putrefação que ja se acreditava perceber: a campa dos mortos ja havia batido; as amigas de J. M. ja vinhão vestil-a de branco e coroál-a de flores, tudo em torno d'ella se preparava para a ceremonia do enterro. Querendo convencer-me dos progressos da putrefação, fui para perto de J. M., e com grande espanto meu pareceo-me sentir um fraco movimento da respiração. Observei-a de novo, e vi com nimio prazer que me não havia enganado; sem demora pratiquei-lhe fricções, recorri aos irritantes, e, depois de hora e meia, a respiração foi-se augmentando, a doente abrio os olhos, e como que se atterrou com aquelle espectaculo funebre (1): voltou a seus sentidos, e dice-me sor-

(1) É preciso proscrever a perniciosa usança, ha muito entre nós arraigada, de fechar, para logo que alguem morre, todas as portas e janellas, forrar a sala de negras tapeçarias, amortalhar sem demora o corpo, e ainda por demais cobrir-lhe a face. Nem se limitão a estes os abusos: grande numero de tochas se queimão, e, o que mais é, trata-se logo de apertar-lhe os queixos, e não poucas vezes tapão-lhe com algodão todas as aberturas naturaes. Quem tal pratica, segundo nossa opinião, não deve ser arguido somente de temer em demasia a resurreição dos mortos; deve sim ser accusado de um delicto enorme, do crime horrendo de homicidio. Com effeito, se um resto de vida subsistisse, se todo esse apparelho funebre devesse unicamente ser prematuro, que mais era de mister para tornál-o necessario, e para extinguir esse resto de luz vital, de um lado estando a impossibilidade absoluta ou relativa do livre accesso do ar, e de outro a corrupção do mesmo ar? E quando por um esforço da natureza um d'esses infelizes torne a si, qual o pavor e commoção que experimentará, vendo-se cingido da mortalha e rodeado de todos os funebres apparatos para suas exequias? Terão todos a mesma sorte que J. M. e Milady Roussel? Não o cremos.

rindo-se : *sou muito moça para morrer ja.* Este estado foi seguido de hum somno que durou dez horas. A convalescencia marchou com rapidez, e em pouco tempo se vio a doente desembaraçada de todas as indisposições nervosas (1).

Apoplexia. Esta affecção, que ataca quasi sempre inopinadamente, é caracterisada pela diminuição ou perda absoluta da sensibilidade, pela falta mais ou menos completa de movimentos, e por um estado soporoso que muito varia de intensidade. É agora occasião opportuna de narrarmos a desgraça do Abbade Prevot que, atravessando a floresta de Chantilly, foi acommettido de um ataque de apoplexia. No momento de proceder-se á necroscopia, um grito agudo provou que estava vivo. O operador e os assistentes ficárão assombrados, e o infeliz foi victima do escalpello!! A sciencia, afora este, possue mais exemplos de mortes apparentes.

Hysteria. O ataque d'esta molestia é commummente inesperado; ás vezes porém annuncia-se por bocejos, anciedade, pêso na região do utero, vertigens, tumescencia do pescoço, palpitações, batimentos tumultuosos das carotidas, e constricção do larynge; mas o pródromo, por assim dizer, constante do hysterismo consiste na impressão que a doente experimenta de uma bola, que parece rolar no abdomen e subir até a garganta, onde produz uma sensação analoga á da estrangulação. Movimentos convulsivos parciaes ou geraes se manifestão; a respiração e circulação diminuem pouco a pouco; a face se empallidece; as extremidades tornão-se frias; sobrevem emfim suores frios, e logo após a morte apparente, que póde durar não so horas como dias.

A invasão, symptomas, e terminação da hysteria são tão variaveis, que a constituem um verdadeiro Protheo morbido. Seus ataques terminão geralmente por gritos, choros ou risos immoderados, e por abundantes urinas limpidas. As doentes cahem depois em abatimento e tristesa profunda; sentem uma dôr tão aguda na fronte, que a compárão á que produziria o encravamento de um prego n'esse lugar, d'ahi lhe vem o nome de *prego hysterico.* Este estado é acompanhado de eructações acidas, tosse secca, e zunido nos ouvidos.

Poucas são as affecções morbosas que tantas vezes tinhão dado lugar a mortes apparentes. Terilli, em seu tratado *de Causis mortis repentinæ*, falla de uma dama de distinção, em Hespanha, que foi reputada morta, depois de ter soffrido um ataque hysterico. No fim de vinte quatro horas, sua familia chamou um

(1) Esta observação foi colhida e apresentada pelo Dr. Pfendler em sua These defendida em Paris, a 30 de Agosto de 1833. Raciborski que a transcreve diz: dêmos esta observação minuciosamente, pelo interesse que deve inspirar aos leitores. Hoje, continúa o mesmo autor, graças á introducção da escutação, não seria talvez tão difficil distinguir esse estado da morte real. É provavel que, apezar da fraqueza excessiva dos movimentos respiratorios, o ouvido podesse perceber o ruido da respiração, e principalmente as bulhas do coração.

cirurgião para indagar a causa da morte pela necroscopia. Ainda não acabado o segundo golpe de escalpello, ésta nobre dama deo vozes por tal modo altas, que espavorio os assistentes a espectaculo tão triste e miserando! O cirurgião, que aliás gozava grande reputação, ficou sendo de então em diante objecto de horror, e vio-se na dura necessidade de deixar sua patria para subtrahir-se á indignação pública. Foi entretanto mais feliz que Vesale; a Inquisição não se entrometteo neste facto. (1)

Milady Roussel, tendo um violento accesso de hysteria, ficou como morta. Seu marido a amava em nimiedade tal, que não podia capacitar-se da realidade da sua morte, levando-o seu extremoso amor ao excesso de empunhar duas pistolas, e declarar alto e bom som que a vida custaria a qualquer que ousasse tocar sua esposa; as ordens da Rainha não conseguirão fazêl-o desistir do seu proposito. Conservou este depósito sagrado por oito dias, sem que o menor vislumbre de vida lhe viesse fortalecer o coração desanimado; no nono porém, ja desenganado das suas esperanças, lhe tributava os ultimos adeuzes e despedidas, quando aos repiques dos sinos de uma Igreja proxima Milady acorda repentinamente, e assentando-se exclama com animo ainda torvado: *é este o ultimo toque para a oração, são horas, partamos!* ! Por seu amor e perseverança, teve Lord Roussel a dupla felicidade de salvar sua terna esposa, e de roubar ao supplicio de ser enterrada viva mais uma victima da criminosa promptidão com que se celebrão as honras funebres.

Syncope. Certos nosologistas tem elevado a syncope á cathegoria de molestia propriamente dita; é todavia mais racionavel estimál-a como effeito de alterações idiopaticas do coração, ou como resultado secundario de affecções de orgãos que com elle sympathisem; quero dizer, é mais razoavel considerál-a como symptoma, cujo valor e importancia dependerá da gravidade da molestia e nobreza do orgão affectado: assim constitue um phenomeno grave nas molestias do coração, tisica pulmonar, cancro do pyloro e outras lesões organicas; é de pouca entidade na plethora; pois que facilmente cede ás emissões sanguineas: póde até ser salutar; quantos feridos abandonados no campo da batalha com vasos abertos terião succumbido, se uma syncope benefica não lhes viesse estancar a hemorrhagia, e arrancál-os das portas da morte? !

A syncope sobrevem de ordinario subitamente, sem ser precedida de signaes

(1) Este facto, a desgraça do Abbade Prevost, a infelicidade de Philippe Peu e Vesale, são de monta bastante, para nos recommendar grande circumspeção e nos mostrar de quanta prudencia devemos possuirmos em occasião de aberturas de cadaveres. Felizmente em nosso paiz não domina a Inquisição, não teremos de expatriar-nos para fugir ás suas perseguições; mas temos em nós mesmos uma Inquisição mais santa, nossa consciencia.

alguns precursores; em alguns casos é annunciada por anciedade no epigastro, languor insolito e oppressão na região precordial; ao mesmo tempo que estes pródromos a vem annunciar, as idéas se confundem; a vista se turva; o doente sente vertigens e zunidos; a face perde sua côr; as extremidades tornão-se frias; suores de morte inundão a cabeça, pescoço e muitas outras partes; todas as relações com os objectos exteriores se interrompem; e o corpo entregue a seu proprio pêso cahe por terra, privado de sentimento e movimento. Por pouco que este estado persista, a morte real succede inevitavelmente á apparente; mas é raro que semelhante eclipse da vida não seja ephemero; comtudo casos tem havido em que a syncope se ha espaçado por tempo bastante para confundir-se com a morte real (1).

(1) Prescindimos dos factos apresentados por Zacchias, Lancici, Crafft, Fabri, Bruhier e Boerhaave; porque temos para nós que a syncope é muito frequente, maxime nos grandes Hospitaes, e que qualquer terá tido mais ou menos occasião de ter observado mortes apparentes por ella produzidas.

QUARTA PARTE.

Itaque si etiam mortui hominis signa conjecturalia sunt, possunt nos aliquando decipere, et vivum pro mortuo, mortuum vero pro vivo nobis imponere, quamobrem non debet vulgus Medicos peritos deridere, si nonnulla circa eos, qui mortui putantur, aut verè mortui sunt, machinantur, ut eos deprehendant, an vita adhuc supersit, nec ne. Itaque Medici cum Galeno ad nonnulla experimenta confugiunt ad dignoscendum, an homo verè mortuus sit, vel adhuc vitæ aliquam portiunculam conservet.

Zacch., *Lib.* 4°, *Tit.* 1°, *Quæst.* 9ª, n° 54.

Se perscrutassemos os costumes e documentos da antiguidade, encontrariamos provas não equivocas de que ja então era conhecida a fallibilidade dos signaes da morte. Mas para que revolvêl-os, quando temos no texto acima citado uma prova sufficiente, e que por si so suppre todas as demais que podessemos deparar? Certamente, d'elle se depreende que o Medico não deve confiar somente nos signaes da morte, que lhe cumpre esmerilhar se alguma centelha de vida se entretem; o que equivale a dizer, é rigoroso dever do Medico certificar-se da realidade da morte. Felizmente conta hoje a sciencia meios bastantes, que em parte compensão a fallibilidade dos seus signaes; ella se ufana sobre tudo por possuir o galvanismo. Antes porém de nos occuparmos d'esta pedra de toque, daremos uma noticia breve d'esses outros agentes de que se tem usado.

O primeiro meio, talvez o mais antigo, de que se costuma lançar mão, consiste no emprego de um espelho que se chega perto da bocca; se seu polido se embacia, póde-se presumir que a respiração continúa; dizemos presumir, por que o espelho tornar-se-ha deslusido, sem que por isso se deva concluir que o individuo vive; isto acontecerá quando houver desprendimento de gazes.

Winslow, para conhecer a continuação da respiração, collocava sobre a car-

tilagem da penultima costella um copo cheio d'agua, e segundo ésta se conservava immovel ou oscillava, assim tambem se decidia pela negativa ou affirmativa. Vimos, na segunda parte de nossa These, que a respiração podia ser por tal modo insensivel que, para effectuar-se, lhe bastarião movimentos imperceptiveis do diaphragma; n'este caso não póde valer a experiencia de Winslow. Pelo contrário, se no abdomen existirem gazes, oscillações poderão ser impressas á agua, e então induzir-nos a tirar illações erradas.

Tirar-se-ha mais partido do meio — escutação — proposto por Raciborski? Não sabemos até que ponto a escutação será fiel, se nos descobrirá uma respiração extremamente fraca, maxime quando a vesicular se achar supprimida; parece-nos, entretanto, que póde ser util, e tanto mais, quanto maior for a edução do ouvido do escutador.

Os estimulantes hão sido considerados como meios certos de distinguir a morte real da apparente. Aconselhão uns titilar a luêta, applicar sternutatorios sobre a pituitaria, chegar perto do nariz liquidos volateis e irritantes, como a ammonia, acido acetico, &c.; outros recorrem com preferencia aos clisteis de tabaco, sal commum, &c. Sem affirmar que estes meios sejão infalliveis, os lembramos como auxiliantes para a solução do problema.

Maior vantagem se tem obtido dos experimentos cirurgicos. As feridas por instrumentos pontagudos ou cortantes, a cauterisação pelo fogo, azeite quente ou cera derretida, mais de uma vez tem chamado á vida corpos até então insensiveis ás demais tentativas. Os lugares de eleição para taes experiencias são as palmas das mãos, plantas dos pés, omoplatas e braços.

Somos chegado ao galvanismo. Para melhor apreciar seus effeitos, como meio de contestar a realidade da morte, remontaremos aos primeiros ensaios que sobre a contractibilidade muscular se fizerão.

Apenas veio a electricidade galvanica enriquecer as sciencias, desde logo incitou o zelo e o empenho dos physiologistas, que sollicitamente se esforçárão em demonstrar sua superioridade, como excitante, sobre os outros meios intitulados — agentes chimicos. Entre estes, os fracos, como o vinagre, alcool e outros, determinão, quando muito, segundo provárão, ligeiro encrespamento dos tecidos, as mais das vezes imperceptivel e unicamente nos pontos de contacto; os fortes, além de determinarem contracções muito fracas, e que nem sempre se poderão perceber, extinguem de prompto a contractibilidade: a electricidade galvanica é isenta de semelhantes inconvenientes; occasiona movimentos sensiveis, e longe de aniquilar a contractibilidade, parece ao contrário reanimál-a, quando prestes a apagar-se.

Tendo pois demonstrado que a electricidade galvanica era de todos os agentes o que mais influencia tinha sobre a contractibilidade, começárão a estudar

com seu auxilio á energia e duração da mesma em cada um dos orgãos, tanto do corpo humano como de certos animaes. Este estudo, que devia conduzir os praticos a verdades incontestaveis, os levou a resultados differentes. Volta, Mezzini, Valli, Klein e Plaff crêrão observar e publicárão, que o coração e todos os orgãos, que não reconhecião o dominio da vontade, erão insensiveis ao galvanismo; ao passo que Humboldt e Fowler assegurão ter feito contrahir o coração de muitos animaes.

Se consultarmos Bichat, veremos que, não confirmando a asserção d'estes ultimos, submetteo inutilmente ás experiencias corações de animaes, de diversas especies, pouco tempo depois da morte; não obteve resultados mais favoraveis de ensaios sobre corações de suppliciados; mas em opposição o galvanismo determinava contracções energicas nos musculos da vida animal.

Não se podendo conciliar resultados tão contradictorios, permaneceo-se por muito tempo em dúvida, até que Vassali, Candi, e Giulio Rosi apresentárão em Julho de 1803, á Academia de Turin, uma memoria, em que annunciárão ter visto os corações de tres executados contrahirem-se sob a influencia galvanica, perderem porém sua contractibilidade 40 minutos depois da morte; contrahindo-se ainda fortemente os musculos do apparelho locomotor.

Grande numero de physiologistas não deo pleno credito a ésta observação, e Nysten se propoz de ver se era fundada. Para isto, submetteo ao galvanismo os differentes orgãos musculares e os presumidos taes. Aqui passámos a apresentar as consequencias de suas experiencias.

1.ª A contractibilidade do ventriculo aortico do coração se extingue pouco tempo depois da morte, e sempre primeiramente que a dos outros orgãos contracteis.

2.ª Os intestinos e o estomago perdem depois successivamente sua faculdade contractil; os grossos intestinos 45 a 55 minutos depois da morte; os delgados alguns minutos mais tarde; o estomago pouco tempo depois d'estes.

3.ª A bexiga a perde quasi ao mesmo tempo que o estomago.

4.ª As contracções do ventriculo pulmonar continuão por mais de uma hora depois da morte.

5.ª O esophago cessa de contrahir-se meia hora depois do ventriculo pulmonar.

6.ª A iris perde sua excitabilidade quinze minutos mais tarde que o esophago.

7.ª Depois da iris seguem-se os musculos da locomoção. Os musculos do tronco perdem sua potencia contractil muito antes dos musculos dos membros; os musculos dos membros abdominaes primeiro que os dos thoraxicos.

8.ª As auriculas, tanto do coração aortico como pulmonar, continuão com-

trahir-se sob a influencia galvanica, quando ja os outros orgãos musculares não executão o menor movimento.

9.ª A auricula pulmonar é ainda de todas as partes do coração a que conserva por mais tempo sua potencia contractil (1).

10.ª A aorta, em que os academicos de Turin crerão observar movimentos, quando submettida á pilha de Volta, é inteiramente insensivel á electricidade galvanica; a mesma sorte cabe a todas as arterias.

Escusado é dizer que as experiencias de Nysten fizerão baquear as dos physicos de Turin, com que pretendião infirmar as palavras de Haller, quando dice que o coração era o *primum vivens et ultimum moriens*. Com effeito, as experiencias de Nysten, longe de envalidarem tal proposição, vierão revestil-a de maior authenticidade, e mostrar que o epitheto de *primum vivens* deve entender-se a respeito de todo o coração, em quanto que o de *ultimum moriens* só pertence á auricula pulmonar; o que aliás muito se conforma com o proprio texto de Haller—*Quando nunc etiam dexter ventriculus elangait, aut dissectus fuerit, aliquandiu pleramque in auricula dextrâ motus superest: ergo hæc auricula recté ultimum moriens.*

Temos mostrado em que ordem conservão os orgãos a propriedade contractil, e qual seu melhor estimulante. A vista de tudo que fica dito, estamos autorisado a concluir que, com quanto a contractibilidade seja uma propriedade vital, é inexacto dizer, como o fez Crevé, que a vida existe, porisso que ella dura; mas o que não padece duvida, o que foi confirmado pelas experiencias de Nysten e ulteriores, vem a ser que a vida se acha totalmente extincta, quando a pilha de Volta não determina contracções musculares. Portanto, com todos os praticos modernos propomos o galvanismo como, se assim nos podemos exprimir, a verdadeira e infallivel pedra de toque da vida. Em sua applicação porém não devem ser esquecidos os preceitos recommendados por

(1) A differença existente entre os resultados das experiencias de Nysten e de seus antecessores a respeito da contractibilidade do coração se explica facilmente pelas tres causas seguintes: *Prima*, os que não erão physiologistas, persuadidos de que os ventriculos devião conservar por mais tempo sua potencia contractil, dirigião sua attenção sobre éstas partes e as submettião ao galvanismo, quando ja impossibilitadas de contrahir-se. Este erro, commettido por homens aliás muito judiciosos, foi presenciado muitas vezes por Nysten. *Secunda:* a insensibilidade apparente, que ás vezes apresenta o coração ás primeiras excitações. Em verdade, basta em certos casos mudar os pontos de excitação ou modificar ligeiramente o apparelho, para se vir no conhecimento de que a nullidade da acção galvanica era puramente accidental. *Tertia:* a vacuidade absoluta ou distensão forçada do coração são circumstancias tão desfavoraveis aos seus movimentos, que podem tornál-o insensivel ao galvanismo, e indusir assim os praticos a resultados differentes, quando, não imitando Nysten, deixem de corrigir semelhantes estados.

Nysten, fazer pequenas incisões, e poupar o mais possivel os vasos sanguineos; procurar pôr os conductores da pilha em contacto immediato com os nervos; começar sempre as experiencias com uma pilha fraca, e augmentar gradativamente sua força, até que se tenha por ésta maneira despertado a contractibilidade ou adquirido a certeza da morte.

Terminaremos nosso trabalho, lembrando que a acupunctura simplesmente do coração ou a galvano-punctura ha sido ultimamente preconisada, como offerecendo garantia sufficiente para contestar a realidade da morte. (1)

Mas deverá qualquer d'estes meios ser posto em prática por mãos mercenarias, por homens extranhos á Medicina, por agentes da policia? A vista do perigo de ser enterrado em vida, perigo cuja imminencia fica comprovada antecedentemente, seria, é forçoso convir, dar provas de grande resignação, senão de incuria deploravel, confiar nas medidas da fria e sempre tardia vigilancia das Autoridades. So a Medico e somente a elle pertence trabalho tão importante e espinhoso; cumpre porém ao governo coadjuvál-o em suas fadigas. Eis o unico meio de possuir-se uma boa policia medica, que não desminta o grau de civilisação a que havemos chegado.

---

(1) Como se sabe, a acupunctura é usual entre os Chinezes e constitue de alguma sorte toda a sua Medicina, elles a praticão inpunemente em todas as partes do corpo. A innocencia da introducção de agulhas nos orgãos os mais importantes ha sido experimentalmente confirmada. Ella o ha sido igualmente a respeito do coração pelas experiencias feitas nos differentes hospitaes de Paris, sob os auspicios dos Professores de Clinica, e sobretudo, no da Piedade, por Beclard. Agulhas profundamente enterradas na substancia d'este orgão, e agitadas de movimentos oscillatorios e isochrones aos do pulso, que provavão a sua penetração, ahi ficárão implantadas por muitos minutos, e retiradas sem inconveniente algum. Experiencias sobre animaes forão, a este respeito, feitas pelo Dr. Casraro, medico italiano. Conservando submergidos por certo tempo muitos gatos, morrerão os que forão abandonados, entretanto que a picada do coração chamou os outros instantaneamente á vida.

A todos os meus Collegas do sexto anno, e em particular aos meus Amigos, Joaquim Cardozo de Menezes e Souza, João Baptista de Castro, Justino José Alves Jacutinga e Francisco Benedicto de Mello.

No meio do jubilo que hoje sinto por haver terminado minha carreira escolastica, um pensamento me contrista. Sim, Amigos, muito me custa deixar-vos; forçoso porém é obedecer a meu destino: restando-me a doce esperança de que, a pezar do longor que nos vai separar, nossa amizade cada vez se tornará mais estreita, e de que nunca vos esquecereis do vosso

T. V. DE FREITAS.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

SECT. 1.ª APH. 1.º

1. Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experientia fallax, judicium difficile.

SECT. 2.ª APH. 27.º

2. His quæ non secundum rationem levant, confidere non oportet, neque admodùm formidare mala quæ præter rationem eveniunt. Plurima enim horum instabilia sunt, nec perseverare, et diutiùs durare solent.

SECT. 2.ª APH. 52.º

3. Omnia secundum rationem facienti, et non secundum rationem evenientibus, non ad aliud transeundum, manente eò quod ab initio visum est.

SECT. 2.ª APH. 43.º

4. Ex strangulatis et dissolutis, necdùm mortuis, ii non se recolligunt quibus spuma circa os fuerit.

SECT. 2.ª APH. 44.º

5. Qui naturâ valdè crassi sunt, magis subitò moriuntur, quàm qui graciles.

SECT. 2.ª APH. 41.º

6. Qui frequenter et vehementer sine causa manifestâ deficiunt, repentè moriuntur.

Rio de Janeiro, 1841. — Typographia de Laemmert, rua do Lavradio, N.º 53.

Esta These está conforme os Estatutos. Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1841.

Dr. J. M. DA C. JOBIM.

ERRATA.

Paginas.	Linhas.	Erros.	Emendas.
10	11	nigrose.	nigrore.
10	25	desengrados	desangrados.
12	16	A força	A' força.
13	4	Langle? — se	Langle — se.
19	18	œsophago	esophago.
21	1	a nossa.	á nossa.
23	32	Haller	Hallé.
27	17	descriminará.	descrimina.
27	35	a nossa.	á nossa.
28	2	maisviolenta	mais violenta.
29	4	Bully.	Bally.
37	30	tinhão	tenhão.
38	36	possuirmos.	possuir-nos.
41	12	edução.	educação.
42	39	continuão contrahir-se	continuão a contrahir-se.
44	27	morrerão.	morrêrão.